



ESTUDO DE GÊNERO: APRECIÇÃO DO POEMA AVISO DA LUA QUE MENSTRUA DE ELISA LUCINDA EM SALA DE AULA

Maria Edilene Justino /JUSTINO, M. E.

Universidade Federal da Paraíba – UFPB
edilenejustino@gmail.com

RESUMO

O estudo das questões de gênero está entre os temas de maior repercussão na sociedade contemporânea, nasceu na Revolução Francesa, com a Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadã de Olympe de Gouges (1791), onde a importância da Mulher e a Igualdade de Direitos já era um sonho que ecoava na alma feminina, como possibilidade de estudo consolidou-se a partir de O Segundo Sexo de Simone de Beauvoir (1949), representante do Feminismo Mundial. Dadas às implicações sócio históricas, políticas e culturais as quais a insuficiente discussão acerca de gênero tem trazido ao cenário mundial, é imprescindível que a mesma figure nas discussões atuais, e que seja ampliada a partir de sua inserção, nos espaços sociais, legitimados ou não. Enquanto pesquisa mista, de cunho qualitativo, traz uma discussão a partir das relações de gênero presentes no poema Aviso da Lua que Menstrua (1992) de Elisa Lucinda, com ênfase nas imagens do feminino, como o eu lírico se autorrepresenta frente ao masculino, e como é socialmente representado. Partiu-se do diálogo entre a poesia mencionada, as concepções da Criação Literária, das Teorias de Gênero, da produção literária de autoria feminina negra e das Teorias Críticas Feministas. Constatou-se que a poesia Lucindiana, em diálogo com os estudos de gênero enquanto categoria de análise é um poderoso instrumento discursivo na construção identitária feminina, de vulto nas discussões de gênero em sala de aula, que em muito contribui com os estudos acerca do tema.

Palavras-Chave: Estudo de Gênero, Teorias Feministas, Poesia, Sala de Aula.

1 INTRODUÇÃO

“Legisladores, sacerdotes, filósofos, escritores e sábios empenharam-se em demonstrar que a condição subordinada da mulher era desejada no céu e proveitosa à terra”
(BEAUVOIR, 1970b, p.16).

*Todo poema é um bilhete, uma carta, uma seta.
Todo poema é uma visão, um aviso, um pedido, uma conversa.*
(LUCINDA, 2016, p.19)

As relações sociais entre homens e mulheres existem desde sempre, no entanto, ao longo dos séculos, as reconfigurações culturais, sociais e humanas têm apontado para um campo de múltiplas possibilidades quanto a esta realidade que envolve os sujeitos. A partir destas novas disposições sociais, se redesenha a necessidade das reformulações discursivas entre os sujeitos em geral. Isto com vistas a uma reformulação da consciência fundamentada não mais na mentalidade patriarcal, machista e sexista, mas a partir de uma mentalidade ampliada, politizada e consciente.





VII ENLIJE

O importantíssimo fato das mulheres passarem a não mais aceitar a condição de ser o *outro* do homem (BEAUVOIR, 1970b), deram prosseguimento a sua revolução que, embora não fosse socialmente divulgada, visto que o homem sempre esteve sob o vigilante controle dos corpos e das atitudes femininas, já existiam em muitos lugares no mundo. Inspiradas nas ideias dos estudos feministas começaram a surgir os fóruns, seminários e grupos de estudos voltados para a Mulher. A partir desta perspectiva de olhar da mulher em relação a si mesma, foi-se descortinando aquela imagem maçante de que a mulher aceitava as imposições sociais sem esboçar nenhuma reação, a não ser a da “histeria feminina” tão cruel e largamente declarada por representantes da Psicologia.

Ao longo das experiências de trocas de conhecimento sobre si e sobre seus pares, as mulheres foram mapeando, registrando e descobrindo o quanto várias de nós já encontraram meios de demarcar sua presença, enquanto sujeitos sociais possuidores de direitos e de uma voz que acabou, trazendo à luz certas patologias, por ter sido socialmente sufocada para não revelar aquilo que gostaria, mas a Arte Poética que inicialmente fora tomada pelo feminino como válvula de escape para reduzir as dores e o peso da opressão de um sexo pelo outro, foi sendo concebido pelas próprias mulheres como forte instrumento de registro de si e de seus quereres, bem como ponte para uma nova forma de resistência frente aos procederes sexistas.

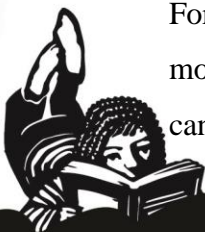
A linguagem compreendida como construção social que facilita a comunicação entre os sujeitos sociais, por um lado se apresenta como uma poderosa arma de dominação, mas por outro representa aquele espaço onde habitam as múltiplas expressividades no campo artístico, a exemplo do que se constata na música e na literatura, com ênfase no discurso poético, na poesia em especial que é o que aqui nos importa. Assim, o artigo em questão lança-se ao estudo da categoria *gênero*, em diálogo com teorias específicas, com ênfase nas Teorias Críticas Feministas, tomando por base de discussão o poema *Aviso da lua que menstrua* do livro *O Semelhante* (1992), da Poetisa Capixaba Elisa Lucinda.

De acordo com Maria Filina Miranda, em Lucinda (2016) “Elisa é uma das mais importantes escritoras diseadas do nosso país, entre os bons nomes existentes”. Elisa Lucinda dos Campos Gomes nasceu em 02 de fevereiro de 1958, em Vitória do Espírito Santo, mas mudou-se para o Rio de Janeiro em 1986, onde aos 11 anos de idade teve aulas de Interpretação Teatral da Poesia, na Casa de Artes de Laranjeiras-RJ, com a professora Maria Filina Salles de Sá Miranda, a quem atualmente reconhece como “mãe de sua poesia”. Formada em Comunicação Social, atuou como Jornalista na imprensa do Espírito Santo até ir morar no Rio de Janeiro. A Jornalista, atriz, professora universitária, escritora, poetisa e cantora realizou sua 1ª produção independente em 1992, com um livro em brochura intitulado

(83) 3322.3222

luna@enlije.com.br

www.enlije.com.br





VII ENLIJE

Aviso da Lua que Menstrua, título de um de seus poemas que compuseram a obra *O Semelhante* (1994), considerado midiaticamente seu 1º livro de poemas a ser publicado.

A referida poetisa possui 17 livros publicados, cujas temáticas variam das peculiaridades do cotidiano, da natureza e do amor, até as mais densas como gênero, racismo, feminismo dentre outras. Entre seus principais livros estão: *A Poesia do encontro* – Elisa Lucinda e Rubem Alves (2008); *Parem de falar mal da rotina* (2010); *A Dona da Festa* (2011), além dos dois últimos: *Fernando Pessoa, o Cavaleiro de Nada* (2014); *Vozes Guardadas* (2016), ambos pela Editora Record. Também afeita à criação literária poética voltada para o público Infanto-Juvenil, Elisa teve premiados, quatro de seus livros voltados para esse público, todos com o prêmio Altamente Recomendável, da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, a saber: *O órfão famoso* (2002); *Lili, a rainha das escolhas* (2002); *O menino inesperado* (2002); e *A dona da festa* (2011).

E assim, entre peças, filmes, recitais, novelas, e livros, a multiartista é atualmente considerada por alguns sujeitos do cenário midiático como a artista contemporânea que mais propaga, divulga, e incentiva a arte poética, a tão apreciada por ela: a poesia. A notável atuação da multiartista também lhe rendeu alguns troféus: Troféu Atriz Revelação no Festival de Cinema Brasileiro (1989); Troféu Raça Negra de Teatro (2010), com a peça *Parem de falar mal da rotina*; Troféu Candangos, em Brasília (2012).

Contudo, por aqui tratarmos com texto literário (poema), vale lembrar que os estudos críticos literários têm apresentado a literatura em suas múltiplas funções, inclusive, na perspectiva da humanização, por outro lado, segundo Schmidt (2017), os estudos da crítica feminista tem (re)significado tais conceitos, descortinando – lhes a grandeza contida no trabalho de linguagem construtora de sentidos interligados as codificações sociais, a altura, respondendo sobre-determinações histórico-sociais, ao ponto de se perceber que:

A literatura, na condição de instituição humana e, portanto, histórica, constitui um lugar privilegiado para um trabalho de linguagem que produz sentidos e imagens indissociadas de valores articulados com codificações sociais. Nesse sentido, a literatura absorve, sedimenta e molda estruturas de referencialidade que remetem a modos de pensar e a padrões de comportamentos que, de uma maneira ou outra, responde às sobre-determinações histórico-sociais dos diferentes contextos geoculturais em que é produzida. (SCHMIDT, 2017, p.402)

Como parte inerente a essa literatura que tanto pode, na perspectiva supracitada, está à arte poética, a desafiadora e ainda nem tão bem acolhida, em relação a prosa, a jovem e faceira senhora, e aqui tomada por objeto de estudo; a poesia. Em pesquisa recente Pinheiro (2018, p. 21) afirmou que “a poesia é, entre os gêneros literários, dos mais distantes em sala





VII ENLIJE

de aula”, além de mostrar também que, conforme pesquisa realizada em 2014, de “cinco dissertações consultadas, apenas uma informa que a poesia é o gênero que mais desperta interesse” (CALDAS 2014 *apud* PINHEIRO, 2018, p.11).

Para Barbosa Filho (2006, p.18) “a poesia é uma experiência do humano, uma experiência singular, uma espécie de relação do homem com as realidades do mundo e da vida”, essa poesia vista de forma universalizada enquanto experiência humana é ratificada por Thompson (1997 *apud* Pinheiro 2018), ao mostrar que toda poesia é um ato social no qual há uma espécie de comunhão entre o poeta e o povo. Assim, em diálogo com a poesia de autoria feminina, como instrumento para estudo/pesquisa de gênero enquanto categoria de análise, Oliveira (2013) mostra que os poemas são capazes de despertar em nós a sensibilidade poética e a reflexão crítica sobre a condição feminina, além de nos fazer perceber as transformações culturais vivenciadas neste mundo cada vez mais interconectado.

É importante considerar que, tais experiências com a poesia, mesmo em outras línguas, não é de hoje, mas tem surtido efeitos positivos, como se pode constatar no ensaio *Falar a raiva e a (des)construção do feminino* (1989) de Funck (2016), voltado para a poesia/mulher na literatura contemporânea da língua inglesa, onde a autora mostrou que os sentimentos de raiva e de indignação por parte do feminino, sob a ótica da necessidade psíquica, emocional e intelectual, quando alinhados a criação poética:

[...] deu às mulheres escritoras um instrumento de conscientização – uma voz e um eu-poético bem diferente daqueles herdados da tradição, tanto da tradição canônica patriarcal, quanto da marginal feminina. Não temos mais uma “estética da renúncia”, uma “temática da invisibilidade e do silêncio”, uma “poética do abandono”. O feminino, como passividade e conformidade [...] deu lugar a uma nova noção – bem mais complexa e contraditória, é verdade – mas que inclui ação e questionamento. (FUNCK, 2016, p.96)

O eu-poético do fragmento supracitado marca a nova postura das escritoras, especialmente dando ênfase aos distanciamentos e rupturas com as controladas e manipuladas formas de se fazer poesia pelas mulheres outrora. Dito isto, nos reportamos a Oliveira (2013) quando afirma; “compreendemos os atos criativos e críticos como inter-relacionados, um dando vida e matéria ao outro, o que garante a sobrevivência de ambos, individual e coletivamente” (OLIVEIRA, 2013, p.110).

Diante do exposto, acreditamos que, um estudo de gênero a partir das construções poéticas advindas de uma poetisa contemporânea, feminista e militante negra, em sua “localização social de fala” (RIBEIRO, 2017), tão à vontade quanto o eu-poético Lucretiano,





sem dúvida, muito terá a acrescentar aos estudos de Gênero, visto que, ao observar as demais vozes presentes na poesia de Elisa, “é como se a figura da mulher, além de representar cada autora feminina, também representasse uma coletividade cujo intuito maior é desmistificar o poder androcêntrico, numa luta sem ódio” (SANTANA, 2013, p. 12).

Em cumprimento a tal empreitada, neste trabalho buscou-se: Inserir a temática de *gênero* nas principais discussões atuais, ampliando sua inserção nos espaços sociais; Contribuir com as discussões de gênero, em sala de aula, a partir da apreciação de textos literários (poema), onde se registre o diálogo entre os sujeitos/personagens nas relações de gênero, contribuindo com os estudos sobre o tema; e Dar ênfase a Poesia Lucindiana enquanto possibilidade metodológica para o trabalho com as mais variadas temáticas: gênero, raça, cor, classe, erotismo, dentre outras, nos espaços de educação formal e informal.

2 PERCURSO METODOLÓGICO

No presente trabalho, destacou-se a possibilidade de diálogo entre a arte poética, o poema *Aviso da Lua que Menstrua* presente na obra *O Semelhante* (1992), de Elisa Lucinda, e alguns textos teóricos que dialogam com a teoria de gênero, a criação literária, a produção de autoria feminina negra e as teorias críticas feministas.

Vislumbrou-se a compreensão das imagens do feminino reveladas pelo eu lírico ao longo do poema, observando como o mesmo se autorrepresenta frente ao masculino, além de atentar para o fato de como ele (o eu-lírico munido de uma voz feminina) é socialmente representado no poema. Para tanto, considerou-se, sobremaneira, a importantíssima informação de que

[...] o poema se constitui numa galáxia de metáforas polivalentes, é imediato compreender que a análise jamais o esgota, salvo se for de ínfima qualidade: a sondagem do texto é uma aproximação incessante no encaço de um *quid* que tende a distanciar-se à medida que se lhe penetra a intimidade, e na razão direta da complexidade e densidade de seu conteúdo. A análise, por isso, consiste num esforço de apreensão e não numa técnica infalível de sondar o interior da matéria poética (MOISÉS, 2007, p. 41).

Sabendo-se que “o "tempo" interno do poema foge das regras do tempo histórico, e apenas conhece o "tempo" da emoção-sentimento-conceito que neles se corporifica” (MOISÉS, 2007, p.44), foram selecionados trechos do poema nos quais se buscou conferir resquícios e pistas quanto às imagens do feminino apresentadas pelo eu lírico e das relações de gênero dispostas ao longo do mesmo. Enfocando-se o modelo de mulher e de homem





como representação dos modelos socialmente constituídos. Na contramão da cronologia temporal, considerar-se-á que

[...] as emoções, sentimentos e conceitos que integram um poema ignoram qualquer sucessividade análoga à do tempo no relógio, e apenas se arquitetam conforme um nexos psicológico ou inerente à própria substância da poesia, dir-se-ia um nexos emotivo-sentimental-conceptual (MOISÉS, 2007, p.41).

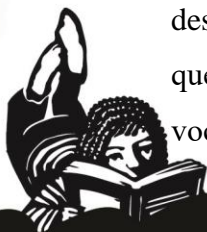
Contudo, aqui, consideraram-se os tópicos de maior relevância para a discussão de gênero, e em virtude da extensão do poema, optou-se por mencionar, de forma breve, apenas algumas das estrofes/ fragmentos. Após leitura expressiva do poema, realizou-se o diálogo discursivo no qual se mesclaram as teorias de gênero, as das criações literárias, as referentes à literatura de autoria feminina negra, e as teorias críticas feministas.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A considerar o emaranhado de vozes/mulher que há na poética Lucindiana, o poema *Aviso da Lua que Menstrua* aqui evidenciado, traduz um cenário de representatividade social que, em verossimilhança, revela a contento, aquilo que tem sido as relações entre homens e mulheres. Para Lauretis (1994, p.211) “gênero representa não um indivíduo e sim uma relação, uma relação social; em outras palavras, representa um indivíduo por meio de uma classe”, a partir desta compreensão é possível perceber que a *lua* presente no poema, que semelhante à *mulher*, que sempre foi tomada pela grande maioria dos artistas como a musa inspiradora em suas produções, neste contexto, representa o eu lírico que incorpora uma voz feminina para, em nome de uma voz poética universal, dar seu “aviso” aos sujeitos do sexo masculino, isto por meio de um trajeto de construção/desconstrução comportamental das relações de gênero, cujos significados são socialmente constituídos.

*Moço, cuidado com ela!
Há que se ter cautela com esta gente que menstrua...
Imagine uma cachoeira às avessas:
Cada ato que faz, o corpo confessa.*

O vocativo “moço” é recorrente em quase todo o poema e serve de referencial ao homem universal para ter “cautela” com aquela ela que igualmente representa a mulher, também universal aqui representada pela ‘conselheira voz do eu lírico’, o aqui desvelador da descrição pontuada das competências e habilidades internas/externas a Mulher. Um eu lírico que faz questão de lembrar ao masculino de a troca do “sabe com quem?” pelo “sabe de quem você está falando”? já é uma realidade e que por isso mesmo ele deve atentar para o fato de





VII ENLIJE

que se está falando daquela que, também sabe ser sensível, mas que sabe fritar e também gritar quando se sente desconfortável e ou ameaçada diante das circunstâncias da vida.

Fala-se também daquela que representa em essência, a Metamorfose, o Hibridismo, o Mistério e o Encanto, daquela que incorpora sua identidade de Mulher/Mãe, daquela que adverte e combate a Violência Discursiva enquanto resultante do Machismo:

*Cada palavra dita, antes de dizer, homem, reflita...
Sua boca maldita não sabe que cada palavra é ingrediente
Que vai cair no mesmo planeta panela.
Cuidado com cada letra que manda pra ela!*

Adverte ainda que a mulher “tá acostumada a viver por dentro” e que por isso mesmo é um ser introspectivo que transforma as “coisas” na medida em que se transforma (cozinha, corpo, em seu interior). Há ainda a mistura entre o eu lírico e a autora “*Porque sou muito sua amiga / É que tô falando na "vera" / Conheço cada uma, além de ser uma delas*”, reforçando assim a presença do jargão popular “quem avisa amigo é!”. Segue-se a recomendação de cautela e gentileza na hora do sexo, a ideia de advertência a toda e qualquer forma de Violência, o que denotaria a ideia da denúncia e da combatividade aos altos números de assédios sexuais e de estupro contra a mulheres, ao afirmar “*Você que saiu da fresta dela / Delicada força quando voltar a ela. / Não vá sem ser convidado / Ou sem os devidos cortejos..*”. Recomenda ainda que o masculino não seja machista ao achar que tudo pode uma vez que possui um falo:

*Cuidado, moço, por você ter uma cobra entre as pernas
Cai na condição de ser displicente
Diante da própria serpente*

O eu lírico segue aconselhando que o homem preste atenção e não se deixe trair por sua “cobra”, afinal de contas, quem domina quem?. A Mulher é apresentada como a Artista do Cotidiano, aquela de quem o homem “que não sabe onde está sua cueca?” apresenta acentuada dependência. Também há a presença da metáfora entre o homem e o cão, enquanto aquele que pode ser “um bom companheiro”. Ao que se segue o conselho de que o homem não meça forças com ela, mas que se alie a ela e desfrute de sua companhia “*Tão preocupado em rosnar, ladrar e latir / Então esquece de morder devagar / Esquece de saber curtir, dividir*”.

“*E aí quando quer agredir / Chama de vaca e galinha. / São duas dignas vizinhas do mundo daqui!*”, o eu lírico recomenda que não tente ofender, pois até os animais (vaca, galinha) que você utilizar para tal, são igualmente valiosas, porque também possuem suas

(83) 3322.3222
contato@enlije.com.br
www.enlije.com.br





VII ENLIJE

funções enquanto fêmeas de sua espécie, além de serem presença marcante desde o princípio da criação, registrando-se assim uma intertextualidade, uma clara alusão a criação do mundo.

*Vaca e galinha...
Ora, não ofende. enaltece, elogia:
Comparando rainha com rainha
Óvulo, ovo e leite
Pensando que está agredindo
Que tá falando palavrão imundo.
Tá, não, homem.
Tá citando o princípio do mundo!*

O estudo feito até o presente momento encontra respaldo nos Estudos Culturais chegados oficialmente nos anos 90 ao Brasil, que representa aquele diferencial a partir do qual se pode realizar o diálogo entre a literatura e a sociedade, que, em promissora discussão, tem conseguido materializar-se enquanto lugar de autêntica manifestação das ditas “subculturas literárias” dentre as quais se acentua a produção literária feminina-negra, associada aos estudos feministas e de gênero, conforme afirma pesquisas realizadas (CEVASCO, 2009).

Quanto à constituição sociocultural dos sujeitos em sua totalidade e suas possibilidades de se reconhecerem, mas agora a partir de uma nova e diferenciada perspectiva social, cultural e de vida em sociedade, vale observarmos que:

Trabalhar sob a perspectiva dos estudos de gênero requer do pesquisador uma postura reflexiva sobre aspectos culturais distintivos entre homens e mulheres, naturalizados como aspectos biológicos, mas que, por isso mesmo são, na verdade, discriminatórios, pois disfarçam a sua origem no sistema patriarcal opressor, que busca controlar as subjetividades e coletividades de acordo com suas normas categorizantes e binárias. (OLIVEIRA, 2017, p.16)

A supramencionada afirmação da autora nos move na direção de perceber a necessidade de continuar buscando meios, tanto nas teorias de gênero, dentre outras questões presentes no poema, quanto nas teorias feministas, em diálogo direto com a arte poética, em suas múltiplas possibilidades, para nos aprofundarmos nessas questões de tamanha urgência, sobretudo, buscaremos compreender melhor essas questões, visto que:

De modo geral, os estudos feministas do século XX acompanharam a transformação da categoria analítica “mulher”, para “mulheres”, até chegarmos ao conceito de “gênero”. Ou seja, apesar de se reconhecer a importância política de representação das mulheres como categoria coletiva, as novas abordagens preocupam-se também com as diferenças que existem dentro e entre as categorizações. (OLIVEIRA, 2017, p. 17)

Pensando justamente nas diferenças existentes na categoria raça, da representatividade feminina, nos reportamos a uma fala de Lucinda (2018), quando em entrevista

(83) 3322.3222
contato@enlije.com.br
www.enlije.com.br





VII ENLIJE

política, declarou que “a maioria das pessoas negras foram criadas para sentir vergonha de si mesmas”, afirmar isso no século XXI é reconhecer que ainda há muito a se repensar e discutir sobre o assunto, especialmente, quando a maioria desses sujeitos são as mulheres, percepção que é ratificada pelo pensamento da ativista negra Djamilia Ribeiro (2017), ao declarar que “se, para Simone de Beauvoir, a mulher é o *Outro* por não ter reciprocidade do olhar do homem, para Grada Kilomba, a mulher negra é o *Outro do Outro*, posição que a coloca num local de mais difícil reciprocidade” (RIBEIRO, 2017, p. 38).

Para Schmidt (2017, p. 391), “tudo o que sabemos sobre o corpo feminino, no passado e no presente, existe na forma de representações e discursos, que são efeitos de mediações, nunca inocentes e nunca isentos de interpretações”, o que implica dizer que compreender tanto as “representações e discursos”, quanto os “efeitos de mediações” nos dará uma maior compreensão da forma como o corpo feminino em sensualidade, se apresenta e se autoafirma na poética Lucindiana. Contudo, considerar-se-á que, a sensualidade dialoga com a noção de sexualidade, mas que sobremaneira, “a sexualidade feminina tem sido invariavelmente definida tanto em oposição quanto em relação à masculina” (OLIVEIRA, 2017, p.36).

Felizmente, a mulher cujo corpo sente, se manifesta e se autoafirma permite releituras da situação das mulheres, especialmente na contemporaneidade, esse corpo que sabe sentir e demonstrar o que sente, tem aprendido a dispensar a caduca condição de *outro* do masculino Beauvoir (1970b), que havia outrora. Já há muito as *Marias* tantas, a custa de muito suor e labuta corporal, social e intelectual, trocou a condição de *Maria de José*, pela identidade de *Maria de Si Mesma*, o que tem sido feito das mais distintas formas, e a linguagem poética, a poesia, tem se apresentado como meio importante, pelo qual a mulher escritora tem se utilizado para revelar a si e a seus pares; as demais mulheres.

Para Santana (2013, p.11-12) “ser mulher escritora é também desconstruir um universo cristalizado que determina papéis ou espera do feminino”, o que tem levado as mulheres a se reinventar, a representar a si, a revelar e a repensar suas próprias identidades, bem como as das demais a quem sua arte-escrita serve de voz. A considerar que:

Essa mudança de paradigma comportamental feminino só foi possível graças aos avanços do movimento feminista, e o reconhecimento dessas condições sociais a interferir na forma como se produz e se recebe a autoria feminina é uma conquista da crítica feminista. Assim, compreendemos como se opera essa ‘saída’ do lar em direção ao mundo externo. [...] As identidades femininas e o que concebemos culturalmente como ‘feminino’ já não pode mais ser o mesmo. (OLIVEIRA 2013, p.104)





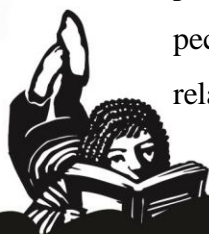
VII ENLIJE

Pois, a esta altura da contemporaneidade, caminhando na direção contrária da fabricada, cara, cruel e desumana “lógica infame do antiamor” (CIXOUS 2017, p.133), há tempos temos nos esforçado para não reforçarmos os forjados duelos entre os sexos, bem como temos nos esforçado para aprendermos a nos reconhecermos como semelhantes (BEAUVOIR, 1970b, p.2), dando aqui, passagem às questões de gênero, representadas na literatura negra brasileira de autoria feminina, visto que, conforme Alves (2010, p.186) “os textos das escritoras afrodescendentes revelam vários contornos de uma face-mulher ocultada, e a visibilidade dos rostos-vida é desenhada nas falas da existência”, visto que:

Ao assumir sua voz-mulher, as escritoras afro-brasileiras ampliam o significado da escrita feminina brasileira, revelando uma identidade-mulher que não é mais o “outro” dos discursos. Afirmam uma identidade-mulher-negra que revela que sempre esteve lá, no “lugar do silêncio”, dentro do outro silêncio-mulher-branca, na singularidade e na subjetividade da experiência única de ser mulher negra no Brasil, que, em seus vários aspectos, é contemplada pela criação dos textos literários, enfocando os mais diferentes aspectos, expondo a complexidade que reveste o ser Mulher na sociedade brasileira. (ALVES, 2010, p.186)

Dadas às ponderações nesse sentido, vale recordar que, em se tratando de algo e ou de alguém que pertence a um ‘espaço diaspórico’ (diferença), não tem como não considerar que “a diferença é, portanto, concebida como relação social, experiência, subjetividade e identidade” (BRAT; PHOENIX, 2017, p.678). E nesta perspectiva de se considerar a relevância apontada pelas autoras, conforme afirmação de Funck (2011, p.360) de que “uma mulher é um ser humano concreto, entendido culturalmente como feminino em certo momento ou lugar, e que precisa negociar sua experiência dentro de construções discursivas que podem ou não comprometer seu completo desenvolvimento como indivíduo”, bem como no que disse Oliveira (2017) “eu sou uma mulher”, isto para que melhor possamos compreender a urgência de seguirmos nos aprofundando em pesquisas onde o gênero, e as demais questões possam ser estudadas na perspectiva da interseccionalidade.

Por fim, por se tratar de um trabalho com um poema de obra advinda da “subcultura literária”, como já fora considerada as obras culturais de autoria negra feminina, especialmente as que dialogam com “a fase da autodescoberta marcada pela busca da identidade própria” (Zolin, 2009, p.330), em referência direta a fase *fêmea* ou *female*, o presente trabalho apostou na linguagem poética, na poesia de Elisa Lucinda, dadas as peculiaridades de sua forma de revelar-se e de revelar as identidades e os sujeitos e suas relações, enquanto possibilidade de estudo e de contribuição direta e indireta (SILVA, 2012, p.122).





VII ENLIJE

aula, com a comunidade acadêmica e com os demais interessados nos estudos voltados para as questões de gênero.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As questões relacionadas ao estudo de *gênero*, ainda encontra certas dificuldades no espaço acadêmico, tais dificuldades são ainda maiores, sobretudo quando se pretende abordá-las nas demais salas de aula, noutros níveis de ensino, é tarefa difícil a ser executada visto que muitas pessoas (ainda) não conhecerem suficientemente as múltiplas possibilidades de existência dos sujeitos, sejam eles *Cis* ou *Trans*, mas em sua totalidade. Neste interim, também se constatou que, embora já se encontre noutro patamar, as relações entre homens e mulheres ainda é bastante tensa e desafiadora a considerar que, por um lado há a marcante permanência do Machismo, e por outro há a má interpretação do Feminismo.

Viu-se que o poema *Aviso da Lua que Menstrua* (1992), assim como outros dentre seus demais poemas de mesmo patamar que este, é um excelente instrumento metodológico, estético e poético capaz de gerar discussões a cerca, tanto das temáticas do cotidiano, quanto das de difíceis abordagens, a exemplo das abordagens acerca de gênero, raça, cor, classe social, erotismo, dentre outras. Constatou-se que a Poesia de Elisa Lucinda, é possuidora de uma espécie de rebeldia/ousadia mista, da mulher negra que não apenas olha, mas que fala, com a voz, com o corpo, com a alma, com a linguagem, por meio da qual mescla o tom astuto, crítico e leve da linguagem poética Lucindiana, ao abordar questões tão acentuadamente delicadas como o são as questões de gênero em nosso país e no mundo.

5 REFERÊNCIAS

ALVES, Miriam. **A literatura negra feminina no Brasil: pensando a existência.** 2010. Disponível em: www.abpnrevista.org.br/revista/index.php/revistaabpn1/article/download/280/261/.

BARBOSA FILHO, Hildeberto. **A luz e o rigor: reflexões sobre o poético.** João Pessoa: Manufatura, 2006.

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo: a experiência vivida.** Tradução de Sérgio Milliet. Vol. II, 2. ed. Difusão Européia do Livro: São Paulo, 1970b.

BRAH, Avtar; PHOENIX, Ann. “Não sou uma mulher? Revisitando a interseccionalidade. Comentários de Simone Pereira Schimidt. In.: BRANDÃO, Izabel; CAVALCANTI, Ildney; COSTA, Cláudia de Lima; LIMA, Ana Cecilia Acioli. (Orgs.) **Traduções da Cultura:**

(83) 3322 3222
contato@enlije.com.br
www.enlije.com.br





VII ENLIJE

Perspectivas Críticas Feministas (1970-2010). Florianópolis: EDUFAL; Editora da UFSC, 2017, p 661-685

CEVASCO, Maria Elisa. Literatura e Estudos Culturais. In.: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana. (Orgs) **Teoria Literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas.** 3. ed. ver. Ampl. Maringá: Eduem, 2009. p. 319-325

CIXOUS, Hélène. O riso da Medusa (1975). In.: BRANDÃO, Izabel; CAVALCANTI, Ildiney; COSTA, Claudia de Lima; LIMA, Ana Cecília Acioli. (Orgs) **Traduções da Cultura: Perspectivas Críticas Feministas (1970-2010).** Florianópolis: EDUFAL; Editora da UFSC, 2017, p 129-319

FUNCK, Susana Bórnio. **O que é uma mulher?.** XIV Seminário Nacional e V Seminário Internacional Mulher e Literatura. Universidade de Brasília, de 4 a 6 de agosto de 2011. p. 349-365

_____. "Falar a raiva" e a (des)construção do feminino (1989).. In.: **Crítica Literária Feminista: uma trajetória.** Florianópolis: Insular, 2016.

LAURETIS, Teresa de. "A tecnologia do gênero." In: HOLLANDA, Heloísa Helena Oliveira Buarque de (Org.). **Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura.** Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 206-241.

LUCINDA, Elisa. Aviso da Lua que Menstrua In.: **O Semelhante.** Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 1992/2002.

_____. **Vozes Guardadas.** 1. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2016.

MOISÉS, Massaud. **A análise literária.** São Paulo: Cultrix, 2007.

OLIVEIRA, Tássia Tavares de. **A poesia itinerante de Marina Colasanti: questões de gênero e literatura.** [Dissertação]. João Pessoa, 2013.

_____. **Corpo e erotismo na Poética Colasantiana: questões de gênero e literatura.** [Tese]. João Pessoa, 2017.

PINHEIRO, Hélder. **A poesia na sala de aula.** 1. ed. São Paulo: Parábola, 2018.

RIBEIRO, Djamilá. **O que é: lugar de fala?.** Belo Horizonte (MG); Letramento: Justificando, 2017.

SANTANA, Patrícia Maria dos Santos. **A mulher em busca da sua totalidade: um estudo do poema 'Aviso da lua que menstrua' de Elisa Lucinda.** [revista dEsEnrEdoS - Ano V. número 16. Teresina/Piauí. Janeiro/fevereiro/março de 2013]

SCHMIDT, Rita Terezinha. Para além do dualismo natureza/cultura: ficções do corpo feminino. In.: **Descentramentos/convergências: ensaios de crítica feminista.** Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2017.

ZOLIN, Lúcia Osana. Literatura de autoria Feminina. In.: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana. (Orgs) **Teoria Literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas.** 3. ed. ver. Ampl. Maringá: Eduem, 2009. p.327-336

(83) 3322.3222
contato@enlije.com.br
www.enlije.com.br

